



MIL CABEÇAS DE GADO



- As maias.....2
- Mil cabeças de gado.....12
- A pele das papas.....25
- Aurora.....36
- Os pretendentes.....45
- A boda.....57
- O batismo.....65
- Caco de mimo.....77
- A Páscoa.....91
- 50 arrobas.....103

As maias

Vinham aí as maias e um desassossego crescente começava a tomar conta do ti Manel Jaquim. Desde que as moças lhe foram ficando casadoiras, quatro, a totalidade da descendência que Deus lhe dera, que todos os anos era o mesmo tormento. Os mariolas dos rapazes, em bando, pela noite velha, entravam, sorrateiros, nas casas onde havia cachopas para casar e, quais mafarricos, surripiavam pipos de vinho, vasos de flores, carros de bois, alfaias, tudo a que pudessem pôr a mão, e levavam às costas, que naquela idade nada é pesado (lembrava com saudade o ti Manel Jaquim, que também já fora rapazola e a esta e outras atividades se dedicara), para outras casas, descobrindo namoricos clandestinos, interesses velados, paixões contrariadas, provocando escândalo, vergonha, mexericos. E ninguém podia atribuir culpas, porque os rapazes eram todos um, todos furtavam e todos se encobriam. Não havia pai de família que não se apoquentasse, com medo da mancha na reputação da filha, é que um homem cria para o bem, manda as mais novas guardar as mais

velhas, sempre agarradinhas às saias, nunca perder de vista, e contar tudo o que se passa, mas sempre é verdadeiro o ditado que diz que quem não se guarda por si nunca anda bem guardado, e o diabo tece-as, toma um tostão, pequena, vai ali à loja aos rebuçados, acena o pretendente da irmã, que tem as mãos a ficar impacientes, e não quer ir a pequena, vacila, o paizinho se sabe põe o cinto a trabalhar pelas costas e o que aquilo dói, mas ele também não tem nada que saber, ninguém lhe vai contar, e uns rebuçados assim caídos do céu até é pecado recusar, e lá ficam os namorados, e sabe-se lá o que é que fazem nesse tempo em que estão sozinhos, às vezes aparecem as barrigas e têm que casar à pressa, antes que se veja muito e que se possa ainda dizer que a criança nasceu antes do tempo, é trabalho que tem que se fazer mais tarde ou mais cedo, como dizia um, outras vezes alguém viu alguma coisa e descobre-o nas maias para todos ficarem a saber. É que mais do que as patifarias são os dizeres. Acorda a aldeia, no dia 3 de maio, com as novidades escarrapachadas nos muros em frente às casas visadas e nas próprias fachadas, o que é o cúmulo do desplante, e às vezes até em rima:

Na porta namora o Abel

Na fonte o Zé João

Aquele põe-lhe o anel

Este põe-lhe a mão.

Ou esta,

No caminho da feira

O pinheiro, a giesta e a moita

Quando lhe vem a canseira

Aí mesmo se acoita.

Ou mais simples,

És bonita, mas ainda não arranjaste nenhum,

É o que dá querer mais do que um.

Às vezes, o recado é para o pai, mas não deixa de
visar a filha,

É linda como um cravo

Mas não há quem lhe pegue.

Ainda calha ao nabo

Pagar o que o pai deve.

Seja como for, quem tem telhados de vidro teme as maias como o inimigo, e quem pensa não os ter teme-as também, não vá um homem andar no mundo enganado.

É certo que a aldeia acorda cedo todos os dias, mas neste dia acordam mais cedo os pais de família, que, a bem da verdade, pouco dormiram. Vão inspecionar a fachada da casa e mais as paredes em redor, à luz da lua, que ainda permanece altaneira, porque não se fez horas de largar o seu posto. À cautela, leva este pai o balde com a cal e a trincha, pronto para dar quantas demãos for preciso para lavar a honra das filhas. E depois em casa falarão. Muitas delas tremem e apegam-se com os santinhos, prometendo romarias a pé e velas acesas. Mas algumas dormem descansadas, porque o pai foi aos ninhos em vez de ir à escola e não sabe ler. Aquela cal matou a calúnia, ninguém chegou a saber o que lá estava escrito, com exceção de quem o escreveu, mas que à luz do dia não se atreve a revelar. Quisera o ti Manel Jaquim ter

tido um rapaz, para defender a reputação das irmãs. Se Deus lhe tivesse feito essa mercê não precisava agora de andar nesta consumição, porque nas casas onde havia rapazes também se faziam maroteiras, mas ninguém escrevia nada, porque, andando por certo no bando, não deixavam que ofendessem a honra das irmãs.

Tendo a questão vindo a ganhar, ano após ano, contornos de ofensa e de ultraje, no ano anterior, alguns homens honrados montaram vigilância à aldeia. Juntaram-se, depois dividiram-se e postaram-se em pontos estratégicos para dar caça aos melros, mas de manhã estavam lá os recados todos para quem quisesse ver. Não se sabe como o fizeram, mas havia quem suspeitasse que os moçoilos, não tendo o dom da invisibilidade, nem outros poderes mágicos conhecidos, tinham sido direcionados por estes para a rua dos outros e dos outros para a rua destes, porque com as filhas dos outros não tenho eu que me preocupar e quanto mais falarem das outras menos se lembram das minhas, no que resultou falarem das outras e também das minhas, ou seja a estratégia saiu gorada, ou furada, como depois se disse.

Acautelando o prejuízo que se receava e anunciava, foram estes bons homens, uma semana antes da data, pedir conselho e intervenção ao padre da paróquia, que não estava certo difamarem assim as moças, para mais com descaradas e desbragadas mentiras como todos sabiam. E o padre, armando-se de paciência, lá os ouviu, porque eram pais, e o amor por um filho traz muita gente cega, e ele bem o sabia, porque entregava todas as noites a Deus o fardo dos pecados que lhe deixavam no confessionário:

“Entrego-tos, pai, que já não os posso carregar. E amanhã chega, por certo, outra remessa”

Mas concordava que não era certo expor assim as pessoas. Fosse como fosse, não havia quem não tivesse as suas faltas, e este costume bárbaro, pouco cristão, de injúria e de calúnia só provocava ódios, antipatias e hostilidades entre as pessoas, já para não falar do escárnio e do maldizer, práticas de antanho. Era preciso educar o povo, que era bruto e ignorante. A palavra por norma era a sua arma, mas alguns sermões eram granadas. Precisava de uma granada. Naquela questão não podia deixar pedra sobre pedra. Depois pensou melhor, era

preciso fazer o povo entender, a palavra de Deus era amor, não era destruição. Foi aos compêndios, preparou uma aula de história. E no domingo, nas missas do dia, em cima do altar, lá esclareceu que as maias eram uma tradição muito antiga que simbolizava a primavera, que no dia 1 de maio, em tempos idos, se colocava raminhos de giestas na entrada das casas para afastar o mal, as dores de pescoço e a infertilidade; que nesta tradição ancestral as meninas donzelas vestiam-se de branco e sentavam-se às portas das casas e que ali aconteciam bailes de roda. Com uma bonomia paternal, lembrou que o dia 3 de maio, dia litúrgico de Santa Cruz, se costumava enfeitar com flores os cruzeiros das aldeias e que o pároco, do alto do seu púlpito, abençoava as terras para que o ano agrícola fosse abundante. Contou que em algumas terras, as giestas, ou maios, colocados nas portas e nas janelas, comemoravam o milagre acontecido quando Nosso Senhor, andando perseguido, se refugiou numa casa de boa gente. Quando o inimigo o viu entrar, marcou a casa com uma flor de giesta para, no dia seguinte, saber onde ele se encontrava e ali mesmo o matar, mas, quando chegou, as portas e as janelas de todas as casas

estavam enfeitadas com maios e ele não pode distinguir a casa onde Jesus se escondeu das outras. Insistiu o padre, e aqui deu ênfase e projeção às palavras, que o mafarrico continuava a atentar os espíritos, povoando a terra de bruxas invisíveis que praticavam as suas obras infernais e que traziam o mal e a morte certa nas chamas gemebundas do tinhoso. E que quem praticasse más obras, nestes primeiros de maio, se sujeitava a este terrível fado eterno. Nada amedrontava mais o povo do que as labaredas dos quintos dos infernos. Achou que estava o problema resolvido. O ti Manel Jaquim veio satisfeito para casa.

“O bem que fala o senhor abade, rachou-os que foi uma beleza, foi tudo a oito. A ver se agora esses malandrêus se atrevem a incomodar as famílias decentes. Que as fogueiras malignas até os engolem, diz o senhor abade.”

Sentado à sombra do seu parreiral, na tarde morna daquele domingo quase estival, relembrava o 3 de maio do ano que passara. Andava um pangaio da Ribeira de Cima a arrastar a asa à sua São, um sem eira nem beira que ele não queria na sua família, mas a moça andava a modos que embeçada, e o pai a avisar que seria

a desgraça dela, que filha sua merecia melhor sorte, era acabar com isso, esfaguntar, assim dizia, porque afugentar não constava no seu vocabulário, esfaguntar o pardal para não lamentar penar mais tarde. A sua São era boa cachopa, ouviu o pai e deixou de lhe aparecer. Mas naquele 3 de maio, a sua carroça, sem as rodas do carro, amanheceu na eira da casa paterna do pretendente de Ribeira de Cima. E o ti Manel Jaquim teve que pedir emprestada ao compadre Adelino uma carroça para atrelar aos seus bois, alombar com as rodas lá para cima e, chegando à dita casa, meter as rodas na sua carroça e prender esta à outra para fazer o caminho de volta a casa, uns bons 5 km senão mais. A vergonha que ele lá passou, com os olhares hostis daquela malta que era conhecedora da sua antipatia por eles, e a vontade de esfolar o coiro à garotada que o metera em tal empreitada. Como tinham eles levado para lá a carroça sem rodas é que ele não atinava. Mas o senhor padre sovara-os bem com aquele sermão, todos entregues ao demónio se lhe fizessem alguma dessas novamente. Nem se atreveriam. Ninguém era néscio o suficiente para se pôr a jeito de um castigo desses. Mas como o seguro morreu de velho, na noite de 2 para 3 de